

Caravana FUNARTE apresenta

DANÇAS EM BRANCO



DANÇA CONTEMPORÂNEA

Coreografia e interpretação:
Célia Gouvêa

DANÇAS EM BRANCO

Programa

C-E-C-I-L-I-A

A partir da poeta Cecília Meireles

Concepção coreográfica e interpretação: Célia Gouvêa

Assistente coreográfico: Ricardo Fornara

Música: Cláudio Bernardo

Figurino: Florence Ollagnier-Durif

Fotografia: João Caldas

INTERVALO

Romance de Dona Mariana

Concepção coreográfica e interpretação: Célia Gouvêa

Figurino e iluminação: Maurice Vaneau

Música tradicional portuguesa, com Ronda dos Quatros Caminhos

PAUSA

Parascha

Concepção coreográfica e interpretação: Célia Gouvêa

Música: Igor Stravinsky

O título "DANÇAS EM BRANCO" alude à cor dos figurinos, à possibilidade de o público completar o que vê através da sua percepção e ainda remete a um contraponto contemporâneo aos "Ballets Blancs".

"C-E-C-I-L-I-A", "ROMANCE DE DONA MARIANA" e "PARASCHA" são as três coreografias que compõem o programa. Três mulheres Cecília, Mariana e Parascha bastante distintas. A primeira tem a elevação espiralada como marca. "C-E-C-I-L-I-A" aborda a "serena desesperada".

A poeta carioca Cecília Meireles, através de dois momentos: o lirismo puro (expressão de Mário de Andrade"), que requer a conexão com o inconsciente, e o lirismo de guerra, que supõe o elo com o tempo real.

Trata ainda da relação, nem sempre tranqüila, do escritor com o papel, material inerente ao seu ofício. Ele é trajetória, percurso, interação e conflito.

Constitui igualmente, devido a seu emprego e transformação no decorrer da escrita coreográfica cênica, objeto plástico gerador da cenografia, perfeitamente integrado à ação.

O figurino é da estilista francesa Florence Ollagnier-Durif.

Mariana é a mulher oprimida, que encontra sua dimensão política na atualidade, levando-se em conta o tratamento imposto às mulheres afegãs ainda hoje. Tem música tradicional portuguesa com forte batida rítmica de origem árabe sobre o romance épico.

Parascha, com música de Stravinsky, comporta a tríade presente à pesquisa de linguagem coreográfica de Célia Gouvêa: humor, humanidade e construção do movimento. Encerra o programa de modo lúdico.

CÉLIA GOUVÊA

Acaba de completar 30 anos de criações coreográficas no Brasil. Em 05.12.1974, em parceria com Maurice Vaneau, estreou "Caminhada" no Teatro Galpão, saudado pelo crítico Sábado Magaldi, como "um espetáculo perfeito. Um novo caminho e uma nova linguagem". Marcou o início da dança contemporânea em São Paulo, renovando-a através de uma linguagem multidisciplinar.

Formada pelo Centro MUDRA de Maurice Béjart em Bruxelas-Bélgica, foi co-fundadora do Grupo CHANDRA com Maguy Marin, Juliana Carneiro da Cunha e outros.

Criou cerca de 50 coreografias. Recebeu prêmios da crítica (melhor coreógrafa, bailarina, pesquisa, criação e espetáculo) e bolsas para pesquisa e criação coreográfica (CNPq, Fapesp, Vitae, Virtuose e John Simon Guggenheim Memorial Foundation).

Agradecimentos: Centro Cultural São Paulo, Guilherme Bonfanti

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTE
funarte

**Ministério
da Cultura**



GOVERNO FEDERAL

Realizado com recursos Federais